

A todos os seus estimados
assinantes, anunciantes, ami-
gos e colaboradores, deseja

A VOZ DE LOULÉ

FESTAS ALEGRES E FELIZ ANO NOVO

(Avença)

A VOZ DE LOULÉ

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII	19.12.73	Delegação em Lisboa	Composto e Impresso	DIRECTOR E PROPRIETARIO	Redacção e Administração
(Preço Avulso 2\$00)	N.º 528	R. Passos Manuel, 102-5.º-Dt.º	CARLOS MARQUES, SARL	José Maria da Piedade Barros	GRAFICA LOULETANA
		Telef. 56 27 59	Rua Dr. Augusto Barreto, 11 a 19		Rua da Carreira
			Telef. 2 47 10	B E J A	Telefone 6 25 36
					L O U L É

Natal de exílio

(Para ti
longe de nós)

Pregado sempre na cruz
O emigrado Jesus
Lá vai na estrada deserta
— Andando de terra em terra
Encontra sinais de guerra
E nunca uma porta aberta.

Quem foi que mandou embora
Do lugar onde nasceu
O companheiro da paz?
— Já o Sol esmoreceu
Findou a noite no breu
Medonho que a noite traz.

Exilado da esperança
Que o tempo desencantou
Quem o poderá salvar?
— Nem uma estrela no céu
E chama que se acendeu
De um povo novo a cantar.

Quando crescer pão e luz
Talvez retorne Jesus
A terra que vive em si
— Só a Justiça é Natal
Só a semente é igual
Se for semeada AQUI.

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

Curso de Formação Hoteleira em Quarteira

Promovido pela Escola Hoteleira de Faro, está a decorrer no Hotel Toca do Coelho um curso de Aperfeiçoamento Profissional que tem a frequência de 94 alunos e a duração de 6 semanas.

O objectivo deste curso, como aliás se depreende do próprio nome, é facultar aos profissio-

● Continua na 6.ª pág.

Para que a Batalha de Flores de Loulé de 1974 resulte esplendorosa e digna continuadora de brilho dos anos anteriores, espera-se com a colaboração activa de todas as pessoas de boa vontade, que queiram ajudar a manter a tradição das nossas festas carnavalescas.

RONDA DO CONCELHO

Cooperativa Agrícola é tema de reunião

Apesar de ainda não ter sido contemplada com energia eléctrica, nem por isso Querença ficou privada de assistir à exibição do filme que está percorrendo o concelho de Loulé com o objectivo de esclarecer os nossos lavradores acerca das vantagens da criação de uma cooperativa agrícola.

A Estação Agrária da XV Região Agrícola, com sede em Tavira, dispõe de um grupo gerador e isso bastou para resolver a carência de energia eléctrica na sede da freguesia de Querença. A escuridão era total no centro da povoação e só os que estão «habitados ao piso» se podiam orientar. É bem verdade que no centro da povoação se concentra toda a pequena aldeia, mas mesmo assim é uma sensa-

ção estranha saber que em pleno século XX, há uma aldeia no concelho de Loulé que nem sequer tem um candeeiro a petróleo no único largo que possui.

Outras aldeias (Ameixal, por exemplo) terão pelo menos estabelecimentos comerciais que iluminam um pouco a escura rua. Mas Querença nem isso tem. Parece que, ali, o tempo parou.

Surgiram recentemente, esperanças de que vai ser dada prioridade a Querença no sector da electricidade. Oxalá essa obra se concretize para breve. Querença também merece ter luz eléctrica.

Sem luz eléctrica a população de Querença está privada de ver

● Continua na 3.ª pág.

Loulé na senda do progresso

«Consta que a Standard Electric, adquiriu terrenos na Franqueada, para a instalação de uma fábrica de montagem de aparelhos de tele-

● Continua na 4.ª pág.

António Aleixo na Emissora Nacional

O nome de António Aleixo continua a ser engrandecido em cada dia que passa. Publicam os seus livros; cantam as suas quadras; representam os seus autos... estuda-se a hipótese de se erguer, em Vila Real de St.º António, uma estátua ao Poeta (e Loulé também tem ainda a sua palavra a dizer, nomeadamente sobre a possibilidade de transformação em museu da casa onde

● Continua na 6.ª pág.

Biblioteca Nacional
LISBOA

2x5-

Haverá Carnaval em Loulé!

Após várias reuniões de última hora, foi finalmente decidido que se faça o CARNAVAL DE LOULÉ.

A Mesa da Santa Casa de Misericórdia decidiu aceitar a colaboração (que se nos afigura muito válida) de um grupo de jovens sócios do Atlético que se dispõe a TRABALHAR para o Carnaval de Loulé.

Aplaudimos de mãos ambas que a juventude louletana tenha parte activa nas nossas festas tradicionais, porque afinal o Carnaval é uma festa da e para a juventude.

Para a frente jovens da nossa terra. O futuro é vosso. A experiência que adquiris será extremamente válida.

Uma voz algarvia em S. Bento

LEAL DE OLIVEIRA

falou do Algarve

O sr. eng.º Leal de Oliveira foi a primeira voz algarvia a fazer-se ouvir, na presente legislatura, no hemiciclo da Assembleia Nacional, no passado dia 29 de Novembro.

A primeira intervenção do deputado algarvio foi subordinada ao tema «IV Plano de Fomento», que, disse, «tanta influência irá proporcionar ao desenvolvimento e progresso do País devidamente integrado e regionalmente equilibrado».

Tecendo considerações a propósito do Algarve, no contexto daquele Plano, afirmou o orador: «Para tanto é necessário que o Algarve seja considerado uma região de planeamento com órgãos próprios e que o polo de desenvolvimento industrial Faro-Olhão venha a ter prioridade semelhante ao parque-piloto da zona de Braga-Guimarães que segundo me pareceu será a única zona industrial além de Sines, indicada para arrancar na vigência do IV Plano de Fomento.

«Se tal não suceder, o Algarve

● Continua na 6.ª pág.

Visitaram Angola o Governador Civil e os presidentes das Câmaras do Algarve

Regressaram há dias de terras angolanas, onde permaneceram durante cerca de 15 dias, a convite do Ministério do Ultramar, os srs. Governador Civil de Faro, eng.º Lopes Serra, presidentes das Câmaras Municipais do Algarve — entre os quais o nosso presidente eng.º Teixeira Faísca —, que se fizeram acompanhar daquelas paragens de além-mar, do sr. major Vieira Branco, presidente da Federação dos Municípios, e do sr. dr. Manuel José Fonseca, secretário geral do Governo Civil.

Aplaudimos esta visita porque quantos mais portugueses conhecerem as realidades de Angola mais seguros estaremos da nossa razão.

E até é bom que os nossos Presidentes vejam como se projecta e constrói... pensando no futuro.

Aqui nem pensamos ainda no trânsito automóvel que já temos e quando (ainda hoje) se rasga uma rua fica tão estreita que nem dois camiões se podem cruzar...

...E eles cada vez são maiores.

Um apelo da Associação Algarvia de Pais e Amigos de crianças Diminuídas Mentais

CASA OU TERRENO — QUEM OFERECE?

Esta Associação precisa de alargar as suas instalações. Quando se instalou na Rua do Compromisso, em Faro, a casa pareceu um palácio para os que viram concretizado um sonho.

Nessa data foram internadas 17 crianças. Agora são 66 e muitas mais carecem de ser admitidas.

Quem ajuda esta benemérita instituição a alargar o seu raio de acção e de benemerência?

NOTA QUINZENAL

ESSA PALAVRA TURISMO ...

Já em 1940, dizia o sr. António Ferro: «A dificuldade do problema do turismo em Portugal, ou em qualquer outro país, principia na aparente frivolidade do seu nome. É que a palavra turismo, festiva e despreocupada, lembra sempre, a ideia de passeio, de fútil viagem, de gasto supérfluo, de perda de tempo».

● Continua na 4.ª pág.

«SOTEJOS - Gabinete de Estudos Técnicos do Sul, L.da»

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTARIO: LICENCIADO NUNO ANTONIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 27 do mês corrente, lavrada de fls. 70, a 73, do livro n.º B.73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre:

- 1.º — Dr. Jacinto Duarte;
- 2.º — Eng.º Aníbal Orlando Lameira dos Santos Oliveira;
- 3.º — Eng.º Fernando José Silva de Mendonça;
- 4.º — Arq. Manuel Francisco Cordeiro Ramos Chaves;
- 5.º — Dr. Mário de Sousa Benegas;
- 6.º — António Boaventura Gonçalves Brás;
- 7.º — João Onofre da Costa;
- 8.º — António Salazar d'Eça;
- 9.º — Eng.º José Luís Lopes de Moura, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Sotejos — Gabinete de Estudos Técnicos do Sul, Limitada», e vai ter a sua sede na Rua D. Paio Peres Correia, número trinta e um, primeiro, nesta vila de Loulé e freguesia de São Clemente, podendo estabelecer as delegações ou sucursais que entender, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto é a realização de todos os estudos de urbanização e agrícolas, designadamente, no aspecto jurídico, de engenharia, arquitectura, contabilidade, estudos económicos e de mercados, topografia, jardinagem e culturas agrícolas, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja legal.

Terceiro — O capital social é de sessenta mil escudos, dividido em nove quotas, uma de doze mil escudos, pertencente ao sócio Dr. Jacinto Duarte e as restantes, de seis mil escudos, cada uma, pertencentes uma a cada um dos restantes sócios; — capital este subscrito em dinheiro, já entrado na Caixa Social.

Parágrafo único — Os suplementos de que a Caixa Social necessitar deverão ser feitos pelos sócios, nas condições em que acordarem em Assembleia Geral.

Quarto — Não é permitida a cessão de quotas, sem o consentimento prévio da Sociedade, tendo sempre preferência os restantes sócios, no caso da sociedade não pretender adquirir para ela as quotas dos sócios que pretendam afastar-se dela.

Parágrafo primeiro — A admissão de novos sócios só é possível com o consentimento da sociedade.

Parágrafo segundo — A exclusão de qualquer sócio, é possível sempre que o sócio a excluir não esteja a dar a contribuição em trabalho à sociedade a que se obrigou, uma vez que as qualidades de trabalho e aptidões profissionais dos sócios são essenciais à vida da sociedade.

Parágrafo terceiro — É per-

mitida a amortização da quota de qualquer sócio, sempre que ela seja penhorada, arrestada ou chamada a responder em juízo, pelas obrigações do respectivo sócio, sendo o seu valor o constante do último balanço mais a sua quota parte nos fundos de reserva.

Parágrafo quarto — O preço da quota amortizada poderá ser pago em quatro prestações anuais e iguais, vencendo as três últimas juros à taxa de desconto do Banco de Portugal.

Parágrafo quinto — Para a deliberação sobre todos os assuntos previstos no corpo deste artigo e seus parágrafos primeiros a terceiro, inclusivé, é necessário o acordo dos sócios que representem setenta e cinco por cento do capital social.

Artigo quinto — Todos os sócios são nomeados gerentes, sem necessidade de prestarem caução e com ou sem retribuição, conforme for decidido pela Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro — A sociedade obriga-se com a assinatura de dois sócios gerentes, os quais nunca poderão ser simultaneamente o primeiro e o sócio a quem este vier aceder sua quota ou o segundo e terceiro parte da outorgantes, salvo quanto aos actos de mero expediente, para os quais é suficiente a assinatura de qualquer gerente.

Parágrafo segundo — Fica vedado aos gerentes usar a firma social ou obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, ficando aquele ou aqueles que infringirem esta obrigação, responsáveis para com ela pelos prejuízos que lhe causarem.

Artigo sexto — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio, mas neste caso a quota do sócio falecido ou interdito será adquirida pela sociedade, por qualquer sócio ou cedida a um novo sócio aceite por aquela, pelo valor do último balanço, mais a sua quota parte nos fundos de reserva.

Artigo sétimo — Quando a lei não exigir outras formalidades a convocação das Assembleias Gerais, far-se-á por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com dez dias de antecedência, pelo menos, não se contando o dia do envio nem o da reunião.

Artigo oitavo — Em todo o omissio regularão as disposições legais aplicáveis, tendo-se sempre em conta que se trata de uma sociedade de serviços, bem como as deliberações das Assembleias Gerais, devidamente tomadas.

O sócio Dr. Jacinto Duarte fica desde já autorizado a dividir a sua quota em duas novas quotas, e a ceder uma delas a quem entender.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 29 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

A melhor qualidade ao melhor preço.

Visite o

Mercado Amazona

«A Voz de Loulé» 19.12.73
N.º 528

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

Anúncio

2.º Publicação

FAZ-SE SABER que na Acção de Divisão de Causa Comum n.º 4/73, que pela 2.ª Secção de Processos deste Tribunal Judicial de Loulé, que Vicente Viegas Marreiros, viúvo, residente na Estrada de S. Luís n.º 109, em Faro, move contra José Caetano de Sousa e mulher e OUTROS, são CITADOS os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre o prédio objecto da acção, para no prazo de 10 dias, a contar da 2.ª última publicação do presente anúncio, depois de decorrida a dilação de 20 dias, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto da venda do prédio objecto da acção.

Loulé, 13 de Novembro de 1973.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

a) Francisco Silva Pereira

O Ajudante de Escrivão,

a) Américo Guerreiro Correia



JUNTE SELOS
TROQUE
POR BRINDES

TRESPASSA-SE

Estabelecimento devoluto, com projecto aprovado, situado na Praça da República, 32 em Loulé.

Resposta ao Apartado 75 de Olhão ou pelo Telef. 7 26 35 — Olhão.

VENDE-SE

Um prédio de 1.º andar, de construção recente, situado na Rua Martim Farto em Loulé.

Informa: José dos Santos Silvestre — Rua Martim Farto — Loulé.

SR. LAVRADOR

Colabore com a criação da Cooperativa de Loulé.

Inscreva-se e convide os seus amigos.

J. PEREIRA DA COSTA ODONTOLOGISTA

(Assistência Convencionada aos Beneficiários da CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE FARO).

Muda, a partir de 1 de Janeiro de 1974, o Consultório DENTÁRIO, para a Rua Poeta Aleixo n.º 10 (transversal à Av. José da Costa Mealha, em frente ao Novo Quartel dos Bombeiros).

«A & T - Administração e Venda de Terrenos, L.da»

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTARIO: LICENCIADO NUNO ANTONIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 do mês em curso, lavrada de fls. 50 a 52, v. do livro n.º A.73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Avelino Dionísio Apolónia e Monica Kramer, uma sociedade comercial, por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «A & T — Administração e Venda de Terrenos, Limitada», tem a sua sede e principal estabelecimento na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé.

Segundo — O seu objecto é a compra, venda e administração de propriedades ou qualquer outra actividade comercial ou industrial não proibida por lei, a que a sociedade delibere dedicar-se.

Terceiro — A sua duração é por tempo indeterminado, com início a partir desta data.

Quarto — O capital social, integralmente realizado, já entrado na Caixa Social, é de cinquenta mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes, subscritas em dinheiro: uma de vinte e cinco mil escudos do sócio Avelino Dionísio Apolónia; e outra de idêntico montante da sócia Monica Kramer.

Quinto — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro — Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou de seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados só por um.

Parágrafo segundo — Os sócios gerentes poderão delegar em quem entenderem, os seus poderes de gerência, mesmo em pessoa estranha à sociedade, por meio de procuração.

Parágrafo terceiro — A gerência poderá constituir mandatários da sociedade, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis e seu parágrafo único do Código Comercial, ou para quaisquer outros fins, mediante procuração.

Parágrafo quarto — A gerência é expressamente vedado obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e quaisquer outros actos ou contratos estranhos ao seu objecto.

Sexto — A cessão de quotas depende, em todos os casos, de prévio consentimento da sociedade, à qual fica reservada, em

primeiro lugar, o direito de preferência.

Parágrafo primeiro — Consentindo a sociedade na cessão, mas não usando do direito de preferência, passará este direito para os sócios, e preferindo mais de que um, será a quota dividida na proporção das quotas que os preferentes possuírem.

Parágrafo segundo — O consentimento da sociedade para a cessão de quotas depende da deliberação de Assembleia Geral que obtenha, pelo menos votos correspondentes a três quartas partes do capital social.

Sétimo — A sociedade pode amortizar as quotas dos sócios pelo valor do último balanço, nos seguintes casos:

a) Quando a quota for objecto de arrolamento, arresto, providência cautelar ou penhora.

b) Quando o sócio for interdito.

c) Quando o sócio infringir o disposto no artigo sexto.

d) No caso de falecimento do sócio sem descendentes.

Oitavo — É livre a divisão de quotas pelos herdeiros dos sócios.

Parágrafo único — Enquanto a quota se mantiver indivisa, serão todos os interessados designar um de entre eles que a todos represente perante a sociedade.

Nono — Quando a lei não imponha expressamente outras formalidades, serão as Assembleias Gerais convocadas por carta registada com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com antecedência mínima de oito dias.

Décimo — No caso de dissolução da sociedade, serão liquidatários todos os sócios que procederão à liquidação e partilha, conforme acordarem.

Parágrafo único — Na falta de acordo entre os sócios, será o activo da sociedade adjudicado ao sócio que melhor proposta apresentar.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Novembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

AGRADECIMENTO



Claudina da Piedade

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam a sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

PRETENDE-SE PARA ARRENDAR OU COMPRAR

NA ÁREA DE ALMANSIL/VALE DE ÉGUAS,
UMA QUINTA C/ÁREA SUPERIOR A 1 HECTARE E
COM CASA. TEL. 2 49 32 — FARO — (DEPOIS DAS
19 HORAS).

Cooperativa tema de reunião

• Continuação da 1.ª pág.

cinema ou televisão. Mas na noite do dia 12 de Dezembro aconteceu cinema! Embora se tratasse de uma sala relativamente ampla ficou completamente cheia. Mesmo de pé era impossível um lugar desafogado. Era evidente que a população de Querença se interessava pelo problema da Cooperativa Agrícola de Loulé.

Foi perceptível o interesse pela exibição do filme resultando frutuoso o diálogo travado entre os promotores da iniciativa e a numerosa assistência, registando-se elevado número de adesões.

No próximo número faremos referência à reunião realizada em Vale Judeu e na Tor... porque esta simpática aldeia ultrapassou, tudo o que antes acontecia, não só pela forma gentil como nos receberam como ainda porque a adesão foi quase total por parte da numerosa assistência.

Parabéns à Tor. Nós tínhamos confiança na Tor. Não nos enganamos.

Entretanto podera registar mais as seguintes inscrições:

João Rodrigues Domingos, Picota; José Calço Grosso, Parra; Henrique Gonçalves Francisco, Picota; Manuel Pires Veiga, Pombal (Querença); Manuel Guerreiro dos Santos, Cruz da Assumada (Loulé); António Faisca Dias Teixeira, Almargem d'El-Rei, Salir; Geraldo Costa Rafael, Besteiros (Ameixial) David dos Santos Silvestre, Altim (Querença); Manuel António Rosa, Corcitos (Querença); Mateus Dias, Povo (Bolliqueime); Francisco Rodrigues Dourado, Vale Judeu (Loulé); Manuel Joaquim Rosa, Jogo de Gilvrazino; António Pontes Farinho, Vale Judeu (Loulé); Manuel dos Santos Mendes, Estrada de Vale Judeu; Joaquim Rocheta Baguinho, Vale Judeu (Loulé); Manuel Mendonça Coelho, Várzea da Mão; Rogério de Sousa Farinho, Terra Ruiva de Vale Judeu; José Viegas Calço, Vale Judeu; Mário da Silva Casimiro, Tor (Loulé); Joaquim Mendonça Guerreiro, Vale Judeu; Bernardino Guerreiro Gonçalves, Vale Judeu; Joaquim de Brito Rocheta, Vale Judeu; José da Costa Guerreiro, Chamimé de Vale Judeu; José Ataíde Mendonça, Várzea da Mão, Vale Judeu; Manuel da Silva Santa Rita, Aldeia da Tor; Francisco

Joaquim da Silva, Aldeia da Tor; Manuel Viegas Bexiga, Andrezes-Tor; Sebastião Viegas, Mesquita-Tor; Manuel de Sousa Coelho, Funchais-Tor; Manuel António Silva, Funchais-Tor; Victor Sousa Semão, Vendas Novas da Tor; José de Sousa Casanova, Tor; António Faisca Semão, Mesquita-Tor; Casimiro de Sousa, Aldeia da Tor; António Cardoso, Tor; José Martins Bota, Tor; Avelino Nobre Martins, Tor; Manuel Veiga dos Santos, Funchais-Tor; Manuel da Silva Guerreiro, Aldeia da Tor; Loulé; Manuel Correia dos Santos; Funchais-Tor; João José Canhita dos Santos, Funchais-Tor;

Manuel Coelho da Silva, Tojo-Tor; José Ventura dos Santos, Aldeia da Tor; Manuel Viegas, Ponte da Tor; José dos Santos Faisca, Povo Querença; Manuel Viegas Bexiga, Tor; Joaquim Cavaco Correia, Varzea de Querença; Manuel da Silva Grade, Tor; Manuel Joaquim Guerreiro, Corcitos (Querença); Manuel Viegas Martins, Querença; Custódio Joaquim Correia, Pombal-Querença; Armando Contreiras Guerreiro, Querença; Manuel Faria Guerreiro Mealha, Corte Garcia; João de Sousa Santana, Povo Querença; Manuel Sousa Guerreiro, Cardozal; Francisco Guerreiro de Sousa, Adega.

DESASTRE MORTAL

Vítima de um brutal desastre de viação, ocorrido próximo de Coimbra, faleceu no passado dia 5 do corrente, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Daniel Farrajota Costa, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Pereira de Sousa Teixeira Farrajota Costa.

O saudoso extinto era pai do menino Pedro Nuno Teixeira Farrajota Costa; filho do nosso prezado assinante e amigo sr. Francisco Costa e da sr.ª D. Victória Farrajota Costa (falecida) e era irmão da sr.ª D. Fernanda Farrajota Costa Mealha, casada com o sr. Cristóvão Mealha.

No veículo sinistrado seguiam mais 3 passageiros, um dos quais sofreu ferimentos de gravidade.

O seu funeral, realizado para o cemitério de Loulé, constituiu uma sentida manifestação de pesar.

O numeroso grupo de amigos que acompanharam Daniel Costa à sua última morada disse bem de quanto as suas qualidades eram apreciadas e do profundo choque que causou o seu inesperado desaparecimento.

Profundamente chocante é também a circunstância de se verificar que automóvel continha a ceifar vidas preciosas que deixam um vazio de amargura do seio dos seus familiares.

A família enlutada endereça mos sentidas condolências.

«A VOZ DE LOULÉ»
V E N D E - S E
Na CASA ALEIXO
L O U L É

NO TORNEIO DE BRIDGE DO ALGARVE

O SHARIF FICOU EM 5.º

Omar Sharif veio jogar bridge ao Algarve. Aquele actor de cinema (a quem alguns chamam «dr. Jivago») pela-se pelo bridge — e vai jogá-lo nem que seja no fim do mundo.

Sendo o Sharif árabe, viu-se contudo «grego» para lhe darem o visto de passagem até ao Rei. no das Moiras Encantadas. Isto de ser árabe, em tempo de escassez de petróleo, também tem os seus perigos... Mas, por fim, não sabemos se por meio da lâmpada de Aladino, o Omar Sharif sempre veio consolar as suas admiradoras...

Veio, e fez figura! Ou não fosse ele o «rapaz» da fita! Ficou em 5.º lugar. E isto porque Madame Dupont, Belladonna Garozzo, Pelegrin e Vivaldi (equipa italiana n.º 24) eram «barras» no jogo e não deixaram o Omar ganhar como faz nos filmes. Homem! então isso faz-se ao Omar?!...

75 pontos somaram os vencedores. Que foram muito aplaudidos.

Quanto ao Omar Sharif disse que gostou muito do Sol do Algarve, da simpatia das algarvias, da sardinha assada — e do bridge, claro! Ah, também disse que viria ao Carnaval de Loulé! Oxalá não enfiem algum «barrete» ao Omar, porque este, como árabe, talvez prefira o alboroz...



JOAQUIM M. CABRITA NETO

Foi recentemente eleito membro do Conselho da Secção do Comércio Retalhista Misto, da Corporação do Comércio, o nosso prezado amigo e estimado assinante sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto, que há dias se deslocou a Angola e Africa do Sul, em viagem de negócios.

Homenageados Teixeira Gomes e Julião Quintinha

Num hotel da Praia da Rocha, foi prestada homenagem ao grande estadista e escritor Manuel Teixeira Gomes, natural de Portimão.

Sob a égide do Rotary Clube da cidade onde Teixeira Gomes nasceu, falou o escritor David Mourão Ferreira, estando a apresentação do orador a cargo do conhecido crítico literário Gaspar Simões.

A homenagem teve lugar no dia 7 de Dezembro.

Também Silves homenageou, no passado dia 16, um dos seus mais ilustres filhos: Julião Quintinha, escritor e jornalista natural daquela histórica cidade.

Estiveram presentes, nos Paços do Concelho, onde a homenagem decorreu, vários individualidades, entre as quais o sr. eng.º Lopes Serra, e alguns dos amigos de Julião Quintinha.

Foram oradores o srs. drs. Maurício Monteiro, Joaquim Peixoto de Magalhães e Garcia Domingues.

Um dos filhos do homenageado descerrou uma placa contendo as seguintes palavras: «Rua Julião Quintinha Escritor e Jornalista Silvense».

Notícias pessoais

NASCIMENTO

Num quarto particular do Hospital de Faro, teve o seu bom sucesso, no passado dia 20 de Novembro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Isalinda Maria Vida Errada Gomes Guerreiro, casada com o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Arthur Marcos Guerreiro, importante industrial e proprietário em Cabaga (Salir).

São avós maternos a sr.ª D. Maria da Conceição de Sousa e o sr. Manuel Guerreiro Gomes e avós paternos, a sr.ª D. Joaquina Mestre e o sr. Manuel Guerreiro Mariano (falecido).

As nossas felicitações aos felizes pais e avós, com votos de ridente futuro para o seu descendente.

FALECIMENTOS

Faleceu no passado dia 27 de Novembro, em casa da nossa assinante sr.ª D. Lucília Martins Carrilho, a sr.ª D. Maria Berta Moreira Barbosa das Neves, de 81 anos de idade, natural de Lisboa, viúva do sr. Antero Damoso das Neves, oficial do Estado Maior do Exército. O corpo esteve depositado na Igreja do Pé da Cruz, sendo rezada missa e seguindo para esta Vila, onde vivera cerca de 20 anos tendo granjeado aqui muitas simpatias e amizades pelo seu fino trato e natural bondade.

Com a idade de 71 anos, faleceu em Loulé, no passado dia 18 de Novembro, a sr.ª D. Claudina da Piedade, que deixou viúvo o sr. José dos Santos Teresa.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Maria Nazaré dos Reis Santos e do sr. José dos Reis Santos, casado com a sr.ª D. Deolinda Silva.

Faleceu em Loulé, no passado dia 10 do corrente, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Francisco Vargas Freire, conceituado comerciante da nossa praça e natural de Aljustrel.

O saudoso extinto que, contava 64 anos de idade, deixou viúva a sr.ª D. Silvina Guerreiro Vargas, era pai da sr.ª D. Maria Adelaide Guerreiro Vargas Lopes, casada com o sr. Pascoal Viegas Lopes e do sr. Eng.º Manuel Eduardo Guerreiro Vargas e avô do menino Edgar Freire Viegas Lopes.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

• D. ELISA DA CONCEIÇÃO

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Elisa da Conceição, de 81 anos, natural de Salir (Loulé), viúva de José de Almeida Mortágua. Era mãe dos srs. José da Conceição Mortágua e Joaquim da Conceição Almeida Mortágua; sogra das sr.ªs D. Maria Carolina Mortágua e D. Maria Margarida de Almeida Mortágua, e avó da sr.ª Maria José da Graça Mortágua, do sr. Francisco José da Graça Mortágua e dos meninos Anabela, Cecília Maria e Mário Jorge Pereira de Almeida.

PARTIDAS E CHEGADAS

Num avião da Força Aérea, regressou de Angola, onde cumpriu os seus deveres militares, o sr. António Ramos da Silva, filho do nosso dedicado assinante sr. Bernardino António da Luz Silva, agente da G. N. R. nesta vila.

CARIDADE

Do nosso prezado assinante e amigo sr. Bernardino António da Luz Silva, agente da G. N. R. em Loulé recebemos 50\$00 destinados aos pobres protegidos de «A Voz de Loulé».

Em nome do contemplado, os nossos agradecimentos.

Lembre-se! um fósforo ou uma ponta de cigarro Podem ser o princípio... De uma Desgraça!

Uma carta, um tema

Onde se fala do Palmeiral, Soalheira, etc. etc...

«Dirijo-me ao sr. director d'A Voz de Loulé a fim de lhe participar as más condições em que vivem os habitantes do Palmeiral, Nora dos Velhos, Soalheira e Palhagueira, onde existe uma estrada feita há uns 30 anos que nem sequer é alcatroada e por onde mal podem passar quaisquer veículos. Os choferes de táxis já nem querem ir a esses sítios, por causa do mau estado da estrada.

«Os habitantes daquelas localidades também reclamam a energia eléctrica que tanta falta lhes faz! Eles já arranjaram uma lista de participações que atinge os 200 contos, para ajudar nas despesas com a instalação, mas nada foi obtido até agora, infelizmente.

«Peço-lhe o favor de publicar esta carta.»

Nota da Redacção: — A carta, recebida de França, aqui fica publicada. Acrescentamos apenas estas interrogações: Porque não assinam as pessoas as suas cartas? Que medo as leva a esconderem-se no anonimato? Porque não mostrar o rosto quando se pede o que é justo? Temos ou não de ser dignos desta poesia também enviada na carta acima transcrita:

«Um Sol para todos igual
Como o Aleixo dizia!
Mas no nosso Portugal,
Na nossa terra algarvia,
'Inda existe o Palmeiral
Que fica, dia após dia,
Vivendo sempre mais mal?»

VI Reunião anual de «Empreiteiros Composites»



No intuito de manter uma constante actualização das técnicas de aplicação dos Produtos Betuminosos «Composites», na Construção Civil, realizou-se no Edifício Shell, em Lisboa, a VI Reunião anual, dos empreiteiros recomendados pela Shell Portuguesa, para aquelas aplicações.

Estiveram presentes, além dos técnicos desta Empresa, os empreiteiros Jeremias Gomes Moreira (Porto), José Guerreiro Neto & F.º (Algarve), Fernando Madeira (Viseu), ICO-LISBOA (Lisboa) e PREBEL (Madeira).

Querença - Os interesses da EVA e outras coisas mais

Faro, 5 de Novembro de 1973.
Ex.º Sr. Director de «A Voz de Loulé».

Publicou V. Ex.º, no número 523 do conceituado Jornal da sua mui digna direcção, um artigo assinado por Manuel de Querença, sob o título «Querença os interesses da EVA e outras coisas mais...» ao qual vimos responder, pedindo a V. Ex.º a conveniente e oportuna publicação:

1 — A data da publicação do artigo (2 de Outubro de 1973), já se encontrava requerida, por esta empresa, uma carreira Corcitos-Loulé, passando por Querença. Aguarda-se a sua concessão.

2 — Tem sido velha aspiração, tanto das populações locais, como das entidades administrativas (Junta de Freguesia e Câ-

mara Municipal), o estabelecimento de uma tal carreira. Também essa necessidade tem estado no rumo das preocupações desta empresa, embora pedindo à dita Câmara Municipal a ligação por estrada, entre Corcitos e a nacional 124, o que permitiria o desvio do percurso da actual carreira Barranco Velho-Loulé, de forma a servir toda a região em causa. E este desvio, constituiria a única forma de resolver a situação sem um enorme prejuízo de exploração de uma nova carreira, isto porque uma grande parte do tráfego da actual seria desviado para aquela, tornando esta ainda mais deficitária do que tem sido.

3 — O actual serviço, que principia no Ameixal e termina em Loulé, passando por Barranco Velho, ocasionou no triénio 1970/72, os seguintes prejuízos:

	1970	1971	1972
Carreira Ameixal-Barranco Velho	54 630\$00	62 423\$30	73 447\$50
» Barranco Velho-Loulé	110 789\$10	117 348\$80	101 464\$60

TOTAL: 165 420\$00 179 772\$10 174 912\$10

Dado o agravamento de encargos, tanto de mão d'obra, como de materiais, o prejuízo em 1973 deve ser consideravelmente maior, porque o Estado não tem permitido aumento de tarifas.

Quando se iniciar a carreira, agora pedida, entre Corcitos e Loulé, que além de subtrair boa parte do tráfego à actual carreira, onerará o serviço com o empenho de mais uma viatura e o respectivo pessoal, maior será o encargo a suportar, como é óbvio.

4 — Não obstante todas as razões apontadas, esta empresa irá efectuar a carreira na esperança de que o ramal da estrada Corcitos — E. N. 124 venha a ser feito rapidamente, como lhe foi prometido. E fá-lo para satisfazer o público, tão interessado e apoiado por constantes solicitações dos seus dignos representantes administrativos. O que

nos fere, isso sim, não é a falta de agradecimento geral (que não pedimos, nem procuramos, conselhos que estamos dos nossos deveres, mesmo à custa de sacrifícios) mas somente da publicação de notícias injustas, pecando por desconhecimento da matéria e falta de elegância. Sim, porque se pode reinvidicar, sem menosprezar, para não dizer outra coisa. O que não tem sido hábito, valha a verdade.

Apresentamos a V. Ex.º os nossos melhores cumprimentos.

De V. Ex.º
Atenciosamente

Anibal Guerreiro
(Gerente)

Nota da Redacção — Por carência de elementos, só no próximo número faremos o merecido comentário a esta carta.

Conduza com cortesia

Segundo os psicólogos, grande percentagem de pessoas, correctas no dia-a-dia, tornam-se irascíveis logo que sentam ao volante. Afáveis para com os amigos, educados no ambiente de trabalho, carinhosos no lar, convertem-se na estrada em seres egoístas e impertinentes. Diríamos que constantemente se renova o desdobramento de personalidade de «O Médico e o Monstro». Procuremos ser diferentes desses condutores! Por isso...

...Baixemos as luzes para médiolos, mesmo que quem cruze conosco mantenha as luzes nos máximos.

...Deixemos que nos ultrapasse o automóvel que circula atrás de nós, chegando-nos o máximo para a direita.

...Ao mudarmos de direcção, tomemos sempre a faixa de rodagem indicada, não nos esquecendo de fazer o respectivo sinal com a devida antecedência. Lembremo-nos de que somos sempre os últimos a passar.

...Respeitemos sempre o direito de passagem dos pedes, tendo especial cuidado com as crianças e pessoas idosas.

RAPAZ

Precisa-se de 14 a 17 anos para serviço de escritório. Nesta redacção se informa.

Na senda do progresso

• Continuação da 1.ª pág.

visão e outro material electrotécnico. Loulé agiganta-se assim no campo industrial e estes factores económicos ainda vão fazer de Loulé um centro fabril.

Tal como várias vezes temos dito, Loulé teria tido ainda maior expansão se o caminho de ferro tivesse procedido em tempo ao famoso desvio da linha férrea entre Almansil e Boliqueime, passando por Loulé, como energeticamente defendemos. Mas ainda é tempo de ver o futuro e de concluir que Loulé tem de ter amplas e largas vias de comunicação com o Norte do País, e então virá igualmente a estrada a Salir-Almodôvar como via de saída para Lisboa e Norte do País.»

R. P.

Do «Jornal do Algarve»

Festa de Reis na Tor

A ridente aldeia da Tor estará em festa nos próximos dias 6 e 7 de Janeiro, com a sua tradicional festa dos Reis.

Haverá procissão em honra de Nossa Senhora de Fátima, Misericórdia e variedades.

Dias de alegria, portanto, para os habitantes daquela prospera aldeia.

Secção Desportiva

O Louletano em crise Directiva

Por a maioria dos elementos da Direcção do Louletano Desportos Clube ter abandonado os seus cargos (alguns até sem qualquer justificação) pretendem os restantes membros daquela Direcção realizar uma Assembleia Geral, para eleger novos corpos gerentes em princípio de Janeiro do próximo ano.

No Mercado Amazona encontrará a melhor qualidade ao melhor preço.

VENDE-SE

Casa de habitação (por construir) com 800 m2 de terreno, situado nas Quatro Estradas — Loulé.

Informa: Vitorino Bárbara Gregório — Rua C à Penha, n.º 16.2.º J — Faro.

Leia e assinie
«A VOZ DE LOULÉ»

NOTA QUINZENAL

• Continuação da 1.ª pág.

ESTAVAMOS então no tempo do «turismo de pousada» cuja «mentalidade» parece estar hoje praticamente em decadência... se bem que ainda restem alguns resquícios dessa «impressão imponderável, simultaneamente justa e injusta, causadora de nem sempre tomarmos a sério o problema do turismo que deveria fazer parte do primeiro plano das grandes preocupações nacionais».

HOJE, todavia, a linguagem é já nitidamente diferente: fala-se de marketing, de política de produto em turismo, de canais de distribuição, de oferta e procura, de promoção e publicidade... e vemos os técnicos da indústria turística reunidos, com frequência, para discutirem, à escala internacional, a estratégia para o desenvolvimento do turismo e outros objectivos similares.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve parece trabalhar com o dinamismo desejado, pois a indústria turística tem no Algarve um dos seus mais ricos esteios. Ainda que continuem sendo contraditórias algumas opiniões sobre os benefícios e malefícios do turismo, não há dúvida que a nossa província vive hoje impulsionada por essa nova indústria. Se a vida está cada vez mais cara, se continua a emigração, se nem tudo é «um mar de rosas»... eis o desafio para um trabalho mais aturado! Porque só assim os algarvios viverão melhor na sua terra!

NATAL E ANO NOVO

PASSE AS SUAS FÉRIAS E OS FINS DE SEMANA

NA

COSTA DO SOL

A 20 KLM. DE LISBOA

HOTÉIS DE LUXO, DE 1.ª E DE 2.ª
ESTALAGENS E PENSÕES
CASINO MONUMENTAL COM VARIEDADES INTERNACIONAIS, JOGOS DE ROLETAS, BACARÁ, BANCA FRANCESA, CRAPS, SLOT MACHINES, ETC.
TEATRO E CINEMAS
EXPOSIÇÕES PERMANENTES
«BOITES»
RESTAURANTES TÍPICOS
TODOS OS DESPORTOS
E UM SEM FIM DE ATRACÇÕES QUE LHE PROPORCIONARÃO UMA ESTADIA AGRADÁVEL.

Informações:

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ESTORIL
TEL. 26 01 13

A estrumeira de Quarteira...

• Continuação da 8.ª pág.

de 1965 a esta data. Hoje, a face de Quarteira é totalmente diversa do que era anos atrás: das casa térreas passou-se aos edifícios altaneiros da moderna construção civil; das pequenas mercearias aos supermercados; das exíguas pensões aos múltiplos hotéis; da «loja de chita» às várias boutiques e prontas-vestir... tudo sinónimo de progresso e vida melhor.

Sabido como o incremento da indústria turística está dependente da maior ou menor proximidade do mar, Quarteira — que mora ali ao pé das ondas — viu, quase num abrir e fechar de olhos, surgir à sua frente um futuro promissor, graças à influência que a visita de nacionais e estrangeiros passou a exercer no dia-a-dia daquela localidade.

No entanto, muitíssimas coisas precisam de mudar, em Quarteira. A falta, a tempo e horas, de um plano de urbanização já traz (e vai trazer) grandes dores de cabeça; as ruas antigas, essas, necessitam de urgente reparação, particularmente na zona denominada «dos Cavacos», onde o pó (no Verão) e a lama (no Inverno) são uma chaga lastimosa; a falta duma estrada que, saindo das proximidades do cemitério, fosse entroncar na avenida marginal (a tal de que tanto também se tem falado e cuja falta continua notória) é outra realidade negativa, que urge neutralizar. Poderíamos ainda esmiuçar o problema da Estação dos Cor-

reios (merecerá tal nome?), dos transportes, da assistência médica, etc., etc...

...Mas não queremos hoje, acima de tudo, deixar de focar o problema da existência daquele autêntico foco de infecção (alguém já lhe chamou a «estrumeira de Quarteira») que fica junto das barracas cujo fim era o de armazenar as redes da pesca mas que servem de habitação a muitas dezenas de pessoas. Pois, junto dessas «moradias», o lixo amontoa-se, falta o mais elementar sentido de higiene, o que, evidentemente, põe em perigo a saúde de quem mora nas vizinhanças. O sr. almirante Tenreiro, aquando da recente «sessão de esclarecimento» da ANP em Quarteira, disse que o prometido, e tão adiado, bairro dos pescadores «vai agora entrar na fase decisiva». Fazemos votos de que, finalmente, tal necessidade se concretize. Só assim, o perigo da existência da tal «estrumeira» será anulado. No entanto, parece oportuna a vigilante atenção das autoridades sanitárias (ou outras).

Aguarda-se (justificadamente) que Quarteira seja, dentro de poucos anos, uma das mais desenvolvidas zonas turísticas do Algarve, beneficiando da proximidade desse grande empreendimento que é Vilamoura. Urge, portanto, dar-lhe aquele impulso sem o qual o caminho do progresso será mais difícil de percorrer. Pois Quarteira já esperou tempo de mais para alcançar o lugar a que tem jus.



No período de NATAL

visite a garrafeira do

Mercado AMAZONA

Um sortido das melhores bebidas

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NU-
NO ANTÓNIO DA ROSA PE-
REIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-73, de fls. 91, v. a 94, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 11 do mês em curso, na qual Maria Farrajota Ramos, solteira, maior, residente nesta vila; José Farrajota dos Ramos, e mulher, Raquel Maria Dourado Eusébio Farrajota Ramos, residentes na Av. Visconde Valmor, n.º 5, 3.º dt.º, em Lisboa; Manuel Farrajota Ramos e mulher, Lídia Rodrigues Moita Farrajota Ramos, residentes na Av. Rio de Janeiro, n.º 42, 3.º, esq. em Lisboa; e Manuela Farrajota Ramos e marido, Dr. João dos Ramos Seruca, residentes na Rua da Póvoa, n.º 717, 1.º, esq., da cidade do Porto, se declararam até 20 de Novembro do ano findo — data em que por escritura lavrada a fls. 35, v. do livro n.º C-65, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, o venderam a José Francisco Mestre — donos e legítimos possuidores, em comum e sem determinação de parte e com exclusão de outrém, do seguinte prédio: — misto, constituído por uma morada de casas térreas com vários compartimentos para habitação, nora, tanque, cavalariça e palheiro, e por terra de semear, com árvores, no sítio dos Almarjões ou Campina de Cima, freguesia de São Clemente concelho de Loulé, denominado «Penteadinha», confrontando de nascente com José Lázaro dos Ramos, do norte com caminho, do poente com caminho e ribeiro e do sul com Helena do Carmo Mestre, inscrito na respectiva matriz predial, em nome do seu actual proprietário, o referido José Francisco Mestre, a parte urbana sob o artigo número mil duzentos e noventa e sete, com o valor matricial de seis mil seiscentos e vinte escudos, e a rústica sob o artigo número três mil duzentos e cinquenta e sete, com o valor matricial de dez mil cento e sessenta escudos, no valor global de dezasais mil setecentos e oitenta escudos e a que atribui o de dezasais mil e oitocentos escudos.

Que este prédio pertencia aos bens comuns do dissolvido casal constituído por José Lázaro dos Ramos e mulher, Henriqueta da Assunção ou Henriqueta Farrajota Ramos, que foram casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residiram nesta vila de Loulé e faleceram, respectivamente, em doze de Setembro de mil novecentos e sessenta e seis, e vinte e cinco de Agosto de mil novecentos e setenta e um.

Que permanecem ilíquidas e indivisas as heranças abertas por óbito dos referidos José Lázaro dos Ramos e mulher, e que eles justificantes, são os únicos interessados naquelas heranças — conforme consta das escrituras de habilitação notarial, lavradas, respectivamente, em catorze de Outubro de mil novecentos e setenta, a folhas vinte e cinco, do livro número C — quarenta e sete, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, e catorze de Setembro de mil novecentos e setenta e um, lavrada a folhas três, do livro número B — trinta e quatro, de notas para escrituras diversas, do Segundo Cartório desta Secretaria — pelo que até à referida escritura de vinte de Novembro do ano findo, possuíram o supra descrito prédio em regime de propriedade colectiva como se disse.

Que o mencionado prédio se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, sob o número treze mil duzentos e trinta e nove, a folhas sessenta e três, do livro número B — trinta e quatro e que na mesma está inscrito de transmissão a favor de João Rodrigues da Gama, casado, residente na cidade de Faro, pela inscrição número oito mil novecentos e cinquenta e cinco, a folhas cento e noventa e oito, do livro F — nove;

Que em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta, o referido João Rodrigues da Gama e mulher, Maria Gama, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e residentes na aludida cidade de Faro, venderam o supra descrito prédio, a José Paulino dos Santos, casado segundo o idêntico regime de bens com Maria Angelina Rosa, residente no aludido sítio da Campina de Cima, da freguesia de São Clemente, deste concelho, por mero escrito particular que se extraviou e por preço que ignora.

Que por escritura de vinte e seis de Setembro de mil novecentos e quarenta e cinco, lavrada a folhas vinte e cinco, verso, do livro número oitenta e um — A, de notas para escrituras de valor indeterminado ou superior a mil escudos, excepto parti-lhas, da antiga secção desta Secretaria, actual Primeiro Cartório, os referidos José Paulino dos Santos e mulher, venderam o supra descrito prédio a José Lázaro dos Ramos, casado segundo o regime da comunhão geral de bens, com Henriqueta da Assunção, de quem eles justificantes, o adquiriram por sucessão.

Que em face do exposto não lhes é possível comprovar a transmissão do supra descrito prédio, do titular inscrito no registo predial, João Rodrigues da Gama, para o mencionado José Paulino dos

Choque de Gerações

por MARIA DE OLHÃO

Com aprazimento ouvimos falar do ambiente calmo em que trabalham professores e alunos na Secção Liceal de Loulé. Com júbilo nos referiram as qualidades morais daqueles jovens; alguns deslocam-se de aldeias e lugarejos mas ávidos de conhecimentos, de valorização. Relações humanas entre corpo docente e discente conseguem talvez explicar a ausência dos chamados grandes problemas da juventude. Coeducação nas próprias turmas, camaradagem são e entreadada. Quanto nos alegam tais informações se jamais deixámos de confiar nos novos! Tantos adultos os beliscam, tantos os minimizam e tão poucos se debruçam sobre os seus clamores e recalamentos!

Nos «Cahiers Pédagogiques» de Junho findo impressionou-nos o vigor de um artigo, assinado por Marie-Louise Lopez-Pino, em que se nota a insistente confissão de que o vazio, o háito entre as gerações está por preencher e nem a própria Escola ainda o conseguiu. E referia-se a autora à triste verdade de que vivemos num mundo novo de que não nos sabemos servir porque ficámos agarrados aos modelos em que fomos criados.

Facilmente esquecemos que na mocidade tivemos, tantas vezes, desejos de falar, de clamar, de alterar o que nos impunham. Mas a sociedade não estava empolgada, como hoje, pela instantânea força da informação, os usos eram tabus e aí de quem pretendesse desrespeitá-los. Hoje, como se diz, o mundo é uma aldeia e em qualquer latitude, com reduzida fracção de tempo, lemos, ouvimos e vemos o que ou-

trora nos pareceria literatura de ficção.

Deste choque de concepções, desta impreparação para aceitar súbitas transformações há-de, por certo, recair nos jovens o peso da nossa visão de antanho, da nossa fobia de sabedores e experientes. Muralha inaceitável e nefasta para ambas as partes, ela continua a ser causa de desarmonias e desadaptações e até mesmo de desesperos e aviltamentos. Razões profundas tem a Sociologia ao recordar a errónea alusão à crise de juventude, problemas de juventude quando afinal há uma crise de sociedade, problemas de um mundo inteiro e não só de grupos etários, vítimas aliás de tudo e de todos. Exótica a indumentária dos jovens? Excesso de decibéis com seus ritmos? Exageros em gostos e atitudes? Certamente. Nem outra coisa é de esperar pois esse é processo lógico de chamar sobre si as atenções. E se as chamam e as concitam, de carências por certo sofrem e, só assim, julgam ser ouvidos os seus protestos. Há, pois, uma cadeia de causas e consequências em que toda a sociedade se vê envolvida mas em que, na generalidade, se remete ao silêncio grande número de responsáveis, alheando-se do mundo circundante a que poderia e deveria prestar mais atenção. Sentem-se intocáveis e, se alguma vez se pronunciam é para censurar e apedrejar os novos.

Ora se desviámos a linha de pensamento foi exactamente para renovar a esperançosa atitude assumida perante a mocidade de hoje, cónscia das transformações da era tecnológica em que vive-

mos, das benesses é desvarios que a sociedade de consumo e as «mass-media» nos proporcionam, ela, sobre cujos ombros recairá a construção do futuro — embora começado a preparar-se há milénios, com toda a experiência do passado — ela precisa de ser aceite por todos nós. Só em clima de compreensão e harmonia há trabalho rentável e aprazível. Há que tentar, por todos os meios, integrar as gerações de molde a preparar o mundo de amanhã, de que a juventude louletana também será cooperadora. Sincronizar os anseios é apagar sinais de atrito e, se os conceitos não evoluem mas cristalizam, será mais difícil reestruturar bases de entendimento. Sem nos entendermos não podemos viver em paz, esse bem tão precioso e tão arredado de lares e de continentes. Surja, pois, nova frescura de espíritos para os cronologicamente avançados e assim, alguns pingos de chuva poderão resfriar a fogueira em que ordem paixões incontidas e falhas até, de salutar reflexão.



Turistas no Algarve

O Algarve continua a ser ponto de convergência de visitantes nacionais e estrangeiros.

No primeiro semestre do ano corrente, os postos de informação da Comissão Regional de Turismo do Algarve registaram um movimento de 53 311 turistas solicitando dados de ordem vária.

O mês de maior movimento foi o de Junho — e o posto que atendeu mais visitantes o de Vila Real de Santo António (11 846 turistas).

PRÉDIO

Vende-se um prédio na Rua 5 de Outubro, n.º 36 com r/c, 1.º andar e sótão.

Aceita propostas Raquel Seita da Silva Teixeira — Telef. 247 30 13 — Rua Mery Delgado, 6-1.º Esq.º — Rede.

VENDE-SE

Prédio com duas frentes e terreno para construção, na Campina de Cima.

Informa: Aniceta Gorge Ramos Marum — Vale Formoso. Loulé.

Notícias várias

● PINTOR FRANCÊS NO ALGARVE

No posto de Turismo de Faro (junto ao Arco da Vila) foi inaugurada, no passado dia 10 do corrente, uma exposição de pintura do artista francês GEORGE LEMONNIER, há anos radicado no Algarve.

A inauguração da referida exposição, que pode ser visitada até às 19 horas do próximo dia 20, assistiram diversas individualidades ligadas às actividades turísticas no Algarve.

● GRUPO DE TEATRO LETHES EM EVORA

O Grupo de Teatro LETHES, de Faro, participou no passado dia 1, no Festival de Teatro Amador de Évora, que decorreu no «Garcia Resende» daquela cidade, apresentando as peças «Cavalgada para o Mar», de Synge; «Farsa de Mestre Pathelin», de autor anónimo do séc. XVII e «Longa Cella de Natal», de Wil der.

● PERSONALIDADES EM DESTAQUE

— O Administrador-Delegado da Comissão Regional de Turismo do Algarve, Sr. Eng.º Ollas Maldonado, deslocou-se aos Açores integrado na comitiva do Ministério das Obras Públicas que recentemente visitou aquele arquipélago (consideravelmente afectado pelos recentes abalos sísmicos).

— O Sr. Eng.º Leal de Oliveira, deputado pelo Algarve na Assembleia Nacional, foi eleito pa-

Santos, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Dezembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

ra fazer parte da Comissão Parlamentar de Economia encarregada de formular parecer sobre o IV Plano de Fomento.

— O Sr. Dr. António Pedro da Ponte, conhecido advogado louletano, deixou de desempenhar as funções de 3.º vogal da Comissão Executiva da Comissão Regional de Turismo do Algarve, tendo sido substituído pelo Sr. Eng.º Luís Távora, presidente da Câmara Municipal de Tavira.

Contribuições e Impostos

Para conhecimento dos interessados, se esclarece que, durante o mês de Dezembro, se encontra a pagamento o IMPOSTO COMPLEMENTAR (Secção B) do ano de 1972.

Técnico de Contas

Inscrito da D.G.C.I. aceita e organiza escritas do grupo «A» e «B» em «part-time».

Nesta redacção se informa.

CASA ALEIXO

de VITALINO MARTINS ALEIXO

Grande sortido de novidades em artigos para brindes de Natal.

Papelaria, Livraria, Artigos de Escritório e de Pesca, Artesanato Regional e Material Escolar, etc.

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA, 9

Telef. 624 25 • LOULÉ

COMPANHIA INDUSTRIAL DE
CIMENTOS
DO SUL S.A.R.L.



CISUL

**pagamento de
juro intercalar
capital social 150 000 000\$00**

Comunica-se aos Senhores Accionistas titulares de acções da 3.^a, 4.^a e 5.^a Séries que, de acordo com o disposto no art.º 31.º dos Estatutos da Sociedade, se encontra a pagamento a partir de 19 do corrente o juro intercalar relativo a 70 dias do exercício de 1972 e ao exercício de 1973.

As importâncias líquidas a receber por cada acção, consoante a natureza dos títulos, são as seguintes:

a) Acções ao portador		
Valor ilíquido (9\$56,3+50\$00)	59\$56,3	
Imposto de capitais	4\$33,6	
Imposto complementar	13\$25,4	17\$59,0
		41\$97,3
Líquido a receber		42\$00

b) Acções ao portador registadas		
Valor ilíquido (9\$56,3+50\$00)	59\$56,3	
Imposto de capitais	4\$33,6	
		55\$22,7
Líquido a receber		55\$30

O pagamento poderá ser efectuado aos balcões de qualquer das seguintes Instituições de Crédito:

Banco Fonsecas & Burnay
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português

Lisboa, 10 de Dezembro de 1973



O Conselho de Administração

CURSO EM QUARTEIRA

● Continuação da 1.ª pág.

nais da industria hoteleira uma maior soma de conhecimentos teóricos e práticos que contribuem para o seu aperfeiçoamento e portanto para se elevarem dentro de cada um dos sectores profissionais que escolheram.

Das vantagens deste curso falam não só a elevada frequência como ainda o muito interesse despertado entre os profissionais que trabalham em Quarteira, os quais de sua própria iniciativa sugeriram aos colegas a participação no curso.

Numa prova prática para apreciação da capacidade dos seus alunos, o Director da Brigada Itinerante, sr. Carlos Malheiros ofereceu um cocktail a representantes da imprensa e outros convidados, só com bebidas e aperitivos confeccionados pelos alunos do curso, nos quais se viram reflectidos os resultados do ensino ministrado, revelando já um certo à vontade na maneira de servir.

O trabalho do Monitor de Mesa é desempenhado pelo sr. Apolinário Vareia; o Monitor do sector de Cozinha é o sr. Manuel Gabriel e de Andares a sr.ª D. Genoveva da Silva Carvalho.

Vai ser dado início ao curso de Bar, sob a orientação do Monitor sr. Jorge de Carvalho.

São participantes neste curso 30 profissionais do sexo feminino.

De salientar que a Escola Hoteleira do Algarve está presentemente a funcionar com 140 alunos, o que ainda assim não é suficiente para atender as solicitações das unidades hoteleiras do Algarve.

Na Delegação de Portimão está em actividade um curso de Aperfeiçoamento frequentado por 42 alunos e um curso de Formação que é frequentado por 18 alunos.

No Hotel Garbe em Armação de Pera também está em funcionamento um curso de Formação.

Todos estes cursos incluem aulas teóricas e práticas.

Assim se trabalha, no Algarve, no sector de industria hoteleira.

VOZ ALGARVIA

● Continuação da 1.ª pág.

estagnará em todos os sectores económicos com excepção do turismo que no entanto acabará também por sofrer os inconvenientes de se processar numa região votada ao desenvolvimento regional desequilibrado.

Prosseguiu o sr. eng.º Leal de Oliveira a sua alocução parlamentar, frisando o problema, agrário com que o País se debate, pedindo a atenção do Governo para a solução dessa magna dificuldade nacional.

Daqui enviamos ao mais «intervencionista» dos deputados algarvios o nosso apoio para que continue, como tem feito, a defender calorosamente os interesses do Algarve na Assembleia Nacional.

ANTÓNIO ALEIXO

● Continuação da 1.ª pág.

morou o Vate)... Em resumo: a fama de António Aleixo expande-se a todo o País. Aliás muito justamente.

A Emissora Nacional também homenageou António Aleixo, fazendo transmitir, pela primeira vez na Rádio portuguesa, no passado dia 9, às 22 horas, no programa «Teatro das Comédias», e numa adaptação de Eduardo Jacques, o «Auto da Vida e da Morte», da autoria do grande Poeta algarvio.

Carmem Dolores, Henriqueta Maia, Augusto de Figueiredo, João Lourenço e Alberto Inácio foram os intérpretes.

Graças à Rádio, o nome de António Aleixo foi ainda mais divulgado.

Com os agradecimentos pela preferência dada aos seus produtos

Arthur Marcos Guerreiro

AGUARDENTE

deseja a clientes e Amigos um Feliz Natal e Ano Novo próspero.

MEDRONHO



De longe a melhor que se fabrica...
no Algarve.

Habilitação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 4 do mês corrente, lavrada de fls. 73, v. a 74, v. do livro n.º A-73, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que, por óbito de Vitória Farrajota Costa, também conhecida só por Vitória Farrajota, ocorrido no Hospital de Faro, da cidade de Faro e freguesia da Sé, aos 18 de Agosto do ano corrente, residente em Loulé, natural da freguesia de S. Sebastião, deste concelho, casada com Francisco Costa, actualmente seu viúvo, natural da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, residente nesta vila, sob o regime da comunhão geral de bens, em primeiras núpcias de ambos, que não deixou testamento, foram habilitados como únicos herdeiros legítimos, os seus filhos legítimos: Maria Fernanda Farrajota Costa Mealha, casada com Cristóvão de Sousa Mealha, e Daniel Farrajota Costa, casado com Maria Pereira de Sousa Teixeira Farrajota Costa; — ambos naturais da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, residentes nesta vila e casados segundo o regime da comunhão geral de bens.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Dezembro de 1973.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

«A Voz de Loulé» 19.12.73
N.º 528

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

Anúncio

1.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Loulé e nos autos de acção ordinária de investigação de paternidade ilegítima com o n.º 70/73 que correm termos pela 1.ª secção, movida pelo Magistrado do Ministério Público nesta mesma comarca, em representação da menor Amândia Maria Caetano Faísca, residente com sua mãe Zilda Maria Caetano Faísca, no sítio da Campina de Cima, freguesia de S. Clemente, do concelho de Loulé, contra o réu JOSÉ AMÂNDIO ROCHA, solteiro, maior, motorista, ausente em parte incerta do estrangeiro e com a última residência conhecida no sítio da Campina de Cima, dita freguesia de S. Clemente, é este réu citado para contestar, querendo, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido em a menor Amândia ser julgada declarada filha ilegítima do réu, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra na secção à disposição do citado.

Loulé, 3 de Dezembro de 1973.

O JUIZ DE DIREITO,

a) Francisco António das Neves e Silva Pereira

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) João do Carmo Semedo

QUARTEIRA

Vende-se um prédio com rés-do-chão e 1.º andar, de construção recente.

Tratar com: José Pontes — Quarteira.

Uma visita ao Parque da Vila

(Continuação da 8.ª pág.)

Peres Fernandes estudou e delineou as instalações que chegaram a estar expostas num grande quadro na Câmara Municipal, do tempo em que ainda não havia o monumento, do tempo em que se fez ali a Feira Popular de Loulé e em que no seu teatro privativo passaram alguns dos grandes nomes da canção e da música em Portugal. Do tempo em que se realizou ali o concurso da Miss Loulé com a concorrência das beldades de cada freguesia a quem cada noite era dedicada.

Do tempo em que ao fim de 9 noites se juntaram ali as 54 moças mais bonitas do concelho — 1 rainha e 4 damas de honor por cada freguesia e se conseguiu juntar uma orquestra de 18 acordeonistas e a Eugénia Lima.

Bons tempos que já não voltam.

Todas estas recordações me afluiram á mente. Como tudo isto está mudado e como são diferentes os tempos e o feitio dos louletanos.

Nesses tempos eram todos por um e um por todos. Bastava agitar o nome de Loulé e tudo ali

estava a postos para fazer e até para defender — com razão ou sem razão — nome da Santa Terrinha.

Surpreendeu-me à esquerda um recinto vedado com rede de arame e um pequeno parque infantil. Bem arranjadinho com balouços, escorregão, uma espécie de combóio e outros aparelhinhos para serem gosados por crianças. Deu-me pena ver aquilo fechado, mas pensei que se estivesse aberto já tudo estaria partido, pois que hoje não há respeito por coisa nenhuma e havia de aparecer o seu «matulão» que quizesse armar em criança.

Muito pintadinhos de fresco, 6 bancos de jardim na primeira álea dos plátanos. Embora bancos do meu tempo pareciam novos. A tinta não conseguia tapar algumas inscrições de nomes e até palavras obscenas que certamente não eram do meu tempo porque não se era ordinário nem malcriado a ponto de nos bancos públicos se escreverem baboseiras daquelas. Aquilo já cheira a meninos cabeludos da nova geração.

Sentei-me e apreciei não só todas estas evocações mas também a pureza do ar, a calma e o sossego que reinavam á minha volta. O tempo estava magnífico. Nem muito sol nem vento. Umas ligeiras nuvens encobriam ligeiramente o sol, descobrindo-o apenas de tempos a tempos.

Que grande calma! Nem nenhuma pessoa á vista. Apenas sol e ar puro. Que tranquilidade de espírito, apenas quebrado pelo cair das folhas secas das plantas. Ao longe a diluída sinfonia dos carros eléctricos cujo pavilhão, talvez por ter pouca gente, tocava, nesse dia, mais em surdina. E, caso raro, ou por esse facto ou reduzida pela distancia, até era agradável ouvir.

Era bem um Loulé desconhecido, um Loulé livre das pragas das motorizadas e dos automóveis sem escape.

E até para a paisagem ser mais lírica mais pastoril, uma cabrinha pastava também sózinha na fazenda do lado. Dava-me a ideia de estar surpreendida com tanto sossego, pois era o único sentido da vida que ali havia. Havia igualmente o dos passarinhos que saltitavam em redor da prisão aramada das rolhas presas na gaiola que ali existe.

E ao vêlas tive um aperto de coração. Como era possível que num recinto dado e consagrado á liberdade de quem quer pensar, ali estivessem aquelas tristes avezinhas presas. Afinal quase pareciam um símbolo de pureza fechada a cadiado pela maldade dos homens.

Gosei uma hora de total sossego e, com que aprazimento, sentado naquele banco que bem poderia contar-me histórias. Talvez mais turbulentas, talvez

mais agitadas, talvez menos puras e honestas. Já tenho ouvido falar de coisas vergonhosas acontecidas no Parque, mas naquele momento, tudo o que se respirava ali era pureza e bondade.

Umas marteladas longínquas vieram quebrar o meu sonho encantado, um sonho que eu há muito não vivia, talvez mesmo do tempo da minha infância.

Lembrei-me que seriam da obra da construção da Escola Industrial que sabia já ter sido iniciada e resolvi ir visitar.

Andei pela rua principal, pela que a liga á Central e meti-me por um caminho de pé e fiquei pasmado com a grandeza do estaleiro que ali estava á vista. Quis apreciar em detalhe ou talvez em pormenor, se me mostrassem o plano das obras, as suas estruturas de modo a poder fazer uma ideia da sua grandiosidade. Uma tabuleta barrava-me a passagem: «Proibida a entrada de pessoas estranhas».

Embora contrariado respeitei a tabuleta e aproveitei para ir ver a mata a cuja plantação assistira, tanta vez, quando foi iniciada. Já não conhecia as árvores que ali estão. Algumas frondosas, ricas de seiva e de pasto, oferecendo já belas sombras, outras enfesadas com folhas secas e outras mesmo já secas.

Que sentido de abandono, por toda a parte.

Lembrei-me de que a Câmara deveria ter colocado por ali alguns bancos para que se pudessem aproveitar aquelas magníficas sombras, mas pensei na maldade dos homens ao ver restos e pés de cantaria de bancos que ali estiveram e foram destruídas partidos, esfrangalhados.

Quando será que em Portugal a mocidade atinge o respeito pelas coisas públicas?

O que se poderia ter feito seria a instalação de bancos de pedra que talvez oferecessem mais resistência á maldade dos que os destroem. E vim mais triste, mais preocupado, mais pensativo, de que muitos que haviam bons e amigos de construir, de pugnar pelo engrandecimento da sua terra outros há cuja função assenta na maldade, na destruição, que afinal só representa empobrecimento material, moral e físico.

Que pena que me deu desta parte do Parque.

Regressei mais triste do que fui.

R. D.

Para mobílias e adornos

PREFIRA A

CASA SIMÃO

(A MOBILADORA)

Telef. 62110

LOULÉ

JUNTE SELOS

RETA

TROQUE POR BRINDES

PINGOS

Viva a Aliança!

A aliança luso-britânica fez recentemente 600 anos. Bo-nita soma! Seis séculos não são seis dias (se bem que, às vezes, um dia possa, historicamente, valer mais do que o longo suceder dos anos — mas isso é outra «história»). Pois, a aliança, velhinha como o vinho do Porto que ainda continua-mos a ofertar à Rainha Isabel, deu um ar da sua graça...

...Trazendo, num molinho, e praticamente de borla, a estas terras algarvias, nada menos que 600 ingleses (tantos como os anos da aliança) que, aqui, usufruíram os reconfor-tantes raios do Sol, dos saborosos manjares («só pra turista»), das calmas ondas do mar — agora um pouco frias para nós —, e tudo isto ao preço de meia-dúzia de libras para pagar alojamento e estadia. Nem mais um pence.

Deveu-se a original iniciativa a um tal sr. Chandler, pessoa interessada no negócio dos intercâmbios turísticos. Não se sabe muito bem se aquele «mister» pretende levar à ban-carrota os capitais da velha Albion... o que causa justificado espanto é que ainda não tivesse aparecido por aí nenhum Chandler-português a querer «perder dinheiro», levando 600 dos nossos compatriotas a Inglaterra!... Sim, que nestas coisas de «comemorações» ninguém nos poderá roubar a «co-roa» — nem que seja a nossa antiga aliada (a quem aliás muitos já chamam «amiga da onça»)...

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

EXPORTAÇÃO de borregos alentejanos

«Pelos serviços técnico-económicos da Federação dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo, Évora e Portalegre, vai realizar-se mais uma exportação de borregos.

A exportação terá o preço médio 33\$00/quilo apenas até ao próximo dia 14 de Dezembro.

As inscrições e mais infor-

mações encontram-se à dis-posição dos interessados nos respectivos Grémios da Lavoura.»

Do «Diário do Alentejo» de 27/11/73.

Ora aqui está uma notícia que nem toda a gente enten-de. Pelo menos não se con-segue compreender porque razão se exportam borregos (carne deliciosa e tenra) e se importa carne de má qua-lidade e com pouco valor nu-tritivo.

Como o «Gil Eanes» anda lá pelo Brasil a fomentar as transacções comerciais entre os 2 países irmãos, é muito natural que traga algum car-regamento de carne congelada... para compensar a falta que os borregos alentejanos ficam fazendo nas nossas ta-lhas.

ENG.º DIAS CARDOSO

Quando há dias procedia a ser-viços de inspecção nas correias transportadoras de cimento, o sr. Eng.º Joaquim Dias Cardoso, di-rector da Cisul não conseguiu evitar o toque da mão direita numa correia de transmissão e consequente arrastar do braço, que só não foi decapitado por, de imediato, ter funcionado um me-canismo de segurança que pro-vocou o corte da corrente.

Imediatamente transportado ao Hospital de Loulé seguiu logo de táxi aéreo para Lisboa, onde foi submetido a uma difícilíssima operação que demorou 9 horas.

Como resultado do trabalho duma competente equipa cirurgi-ca, parece ter ficado assegurado que o sr. Eng.º Cardoso não fi-cará com o braço imobilizado, tendo até regressado à sua acti-vidade na Cisul.

Formulamos votos pelas suas rápidas melhoras.

O aniversário de «A Voz de Loulé»

Assinalando a comemoração do 21.º aniversário deste jornal, o nosso prezada amigo sr. Dr. Pearce de Azevedo, dinamico Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, teve a gentileza de nos enviar, de Lis-boa, o seguinte telegrama:

«Passagem aniversário jornal e um digno director apresento melhores cumprimentos desejan-do todos quantos trabalham prestigioso órgão informação maiores felicidades.»

PEARCE DE AZEVEDO

* * *

Também tiveram a gentileza de apresentar cumprimentos ao nosso jornal por motivo de seu aniversário, o Director-Geral da Informação; o Centro de Docu-mentação e Informação de Se-guros; o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e o Pre-venção Rodoviária Portuguesa.



ESTAS FEIRAS DE LOULÉ...

Estas feiras de Loulé... quem as viu a quem as vê!

O costume de «feirar» é velho, no entanto tende a desaparecer. A evolução do comércio, a maior capacidade da oferta e da pro-cura, enfim a própria «face» de vida moderna, tudo é de molde a marcar o fim deste géneros de feiras-de-barracilhas-e-quin-quilharias. E as feiras de Loulé não poderão fugir à regra.

A nossa vila tem 4 feiras por ano. No passado dia 8, realizou-se a «feira da Senhora da Con-ceição» (a última do ano corren-te). E vimos tanto abandono, os feirantes tirando de frio, num alheamento quase total daquelas meia — dúzia de barracas arma-das ali junto do Monumento a Duarte Pacheco, no mais incrí-vel local que se podia arranjar para uma «feira» do género...

Tem Loulé os seus mercados de sábado, esses sim, caracterís-ticos e bastante concorridos pe-las pessoas das vizinhanças. Cre-mos, mesmo, que, actualmente, já não existem condições locais para a realização de outras fei-ras, pois aqueles mercados cor-respondem perfeitamente às ne-cessidades de quem quer vender e comprar fora da corrente co-mum do reabastecimento (afinal para que há cada vez mais su-permercados?).

Bem vistas as coisas, talvez as autoridades municipais já te-nham pensado em «mudar de fei-ra»... O que, aliás, não seria descabido. A verdade é que, nas condições actuais, Loulé não sai engrandecida com umas quantas barracas inestéticas, onde a hi-giène não abunda e a que nin-guém liga. Os tempos são outros, logo as feiras deverão ser ou-tras.

RUI AMADO

VENDE-SE

Por motivo de retirada pa-ra o estrangeiro uma máqui-na de tricotar PASSAP últi-mo modelo, com 6 meses de uso.

Contactar pelo Telefone 6 54 71.

A estrumeira de Quarteira

O “BAIRRO DA LATA”

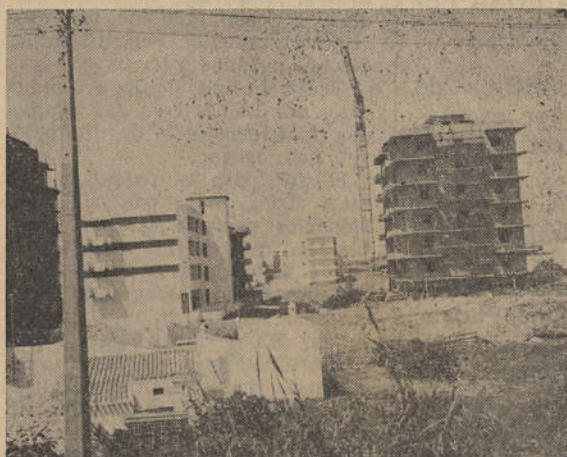
Em 1965, um folheto denomi-nado «Terras de Portugal» fala-va assim de Quarteira: «A bela estância termal de há milénios, é hoje uma simples vilória de

pescadores perdida na imensa provincia algarvia. Dos esplendo-res de outrora, hoje só existem ruínas espalhadas pelo mar fora, pois devido a diversos cataclis-

mos Quarteira foi recuando qui-lómetros e quilómetros, enquanto o mar avançava sem medo, co-brindo casas, palácios, sepultu-ras e templos».

Ora, a «simples vilória» (que não é Vila), em boa verdade, pa-rece ter dado um grande salto,

● Continua na 4.ª pág.



As duas
faces de
Quarteira



...Esta porém é a zona triste de Quarteira. A menos conhecida. A mais abandonada e esquecida. E no entanto fica a uns escassos 50 metros do Largo do Mercado e a uns 200 metros do magestoso ho-tel que a Holiday Inn está construindo em Vilamoura.

Que as novas casas sejam uma promessa para breve, acredita-mos, mas que ao mesmo se acabe já com esta vergonhosa estru-meira.

O «bairro da lata» que esta gravura documenta nunca teve razão de existir em plena zona de grande turismo.

Mas, até quando?

UMA VISITA AO PARQUE DA VILA



Um aspecto do nosso abandonado Parque

Havia já algum tempo que ali não ia. A última vez foi quando fomos convidados pela TV para falar de Loulé e isto ocorreu há cerca de 3 anos. E foi só junto do monumento mal nos permi-tindo dar uma volta até ao rin-gue de patinagem, enquanto os outros falavam.

Nessa altura, ainda o ringue era público e não tinha vedação. Hoje vê-se uma vedação e tem umas letras L. D. C. que conhe-cemos muito bem do tempo em que as inventámos. Não gostá-mos que dentro do Parque Muni-cipal houvesse outra proprieda-de. As coisas esquecem e adqui-rem-se direitos mais tarde difí-cis de remir. Assim foi com a

luz de Quarteira que a Câmara instalou e deu todo o material e, mais tarde, houve uma Junta de Turismo que quiz vender a instalação à Câmara. Assim foi com a rua de acesso à Horta Nova que está incluída num re-cinto que tem uma taboleta di-zendo: «parque Privativo da EVA». Achamos que o que é da Câmara, é de todos, não pode ser só de um, ainda que esse um lá tenha gasto dinheiro e procure utilizar o benefício em favor dos seus sócios.

Escolhemos o domingo da Fei-ra de Faro, porque sabíamos que nesse dia, ninguém se lembraria de ir ao Parque e poderíamos ver e apreciar tudo aquilo à von-tade sem qualquer comentário estranho, matar saudades do tempo em que foi comprada e estudado o projecto do melhor Parque do País, como era ambi-ção da Câmara.

Do tempo em que o arquitecto

(Continua na 7.ª pág.)

VENDEM-SE

Quatro propriedades do sr. Manuel Francisco Grosso, do sítio do Zimbral (Parragil).

Quem pretender dirigir a: Policarpo Boliqueime.

PRECISA-SE

Senhora de meia idade para trabalhos domésticos.

Ordenado mensal 2 500\$00.

Tratar pelo Telef. 6 54 57 — Quarteira.